

Uma revolta anti-neoliberal desde as entranhas do neoliberalismo: pensando o levante chileno

Resenha de:

Fagioli, Andrea. *Octubre chileno: rebeldía y multitud*, Vicente López: RedEditorial, 2020

Graziano Mazzocchini

Bacharel e Mestre em Filosofia pela Universidade de Bolonha. Atualmente doutorando em Filosofia Contemporânea pela UFMG.



Para quem pesquise o pensamento de Michel Foucault este prazeroso panfleto do pesquisador ítalo-chileno Andrea Fagioli apresenta uma qualidade rara: a capacidade não apenas de reconhecer que o diagnóstico do filósofo francês acerca do neoliberalismo não pode ser tomado por uma apologia trivial de quem tivesse sido acometido pelo desgosto pelo “socialismo real”, como também de valer-se deste para nos proporcionar um ‘livro-experiência’ – isto é, tal que possamos mudar nós mesmos ao lê-lo junto com o tempo presente do qual aí fazemos experiência, sempre na esteira das invenções foucaultianas – que nos guie pelas entranhas da nossa mesma trama constitutiva enquanto, ao mesmo tempo, produtos da engenharia neoliberal do homo oeconomicus e potenciais nós singulares da multidão insurgente, ao nos refletirmos no prisma do *estallito* que iniciou-se no Chile no dia de 18 de Outubro de 2019 . Pois é esta mesma natureza anfíbia da subjetividade capitalista contemporânea que delinea-se nessas páginas, numa arquitetura magistralmente concebida que 1) parte da implantação no Chile pós-Golpe do projeto neoliberal de uma “nova institucionalidade” através de dispositivos também constitucionais, que visassem não apenas um conjunto de medidas econômicas mas a forma do conjunto social (Primeira Parte), 2) nos leva pelo círculo/ curto-circuito da própria subjetividade neoliberal, tal como é engendrada no nível micro-político, enquanto ao mesmo tempo produto e ponto imprescindível de aplicação para o perpetuar-se da tecnologia neoliberal num processo de “acumulação originária permanente” (Segunda Parte), 3) até a grande evasão coletiva generalizada desta subjetividade de um tal dispositivo, convertendo-se num sujeito que não é nem povo – entendido nos moldes do arcabouço jus-naturalista hobbesiano –nem a classe operária industrial *stricto sensu* dos sonhos nostálgicos de uma esquerda impotente e desatualizada, e sim multidão, isto é, aquele fenômeno de classe, descrito por Antonio Negri, Michael Hardt e Paolo Virno entre outros, que ao recusar no seu próprio cerne qualquer representatividade, recusa também qualquer redução ao Um, se mantendo enquanto equilíbrio instável e difícil de irreduzíveis nexos heterogêneos de singularidades (Terceira Parte).

Experimentação coerente das ficções histórico-filosóficas foucaultianas, isto é, nem especulação “pura” nem livrinho de história contemporânea, mas elaboração de uma forma do acontecimento do próprio *estallito* ao delinear a sua mesma trama de nexos de forças e saberes, Fagioli parece nos proporcionar um recurso para uma objeção, mesmo

que apenas virtual, ao argumento recente de Maurizio Lazzarato, segundo o qual, ao apagar a raiz histórica de brutalidade e de cumplicidade ativa dos neoliberais com os fascismos no Sul (2019, p.21-23), a tradição foucaultiana da genealogia do neoliberalismo teria sido nada menos que <<catastrófica>> (Ibidem, p.21) sob o perfil político e teórico, pois desta maneira teria ocultado a própria premissa graças à qual pôde vingar tal governamentalidade no Chile e mais em geral na América do Sul, a saber, a transformação dos adversários – os então revolucionários no continente – em <<vencidos>> (Ibidem): longe de repetir esse suposto ato de “ocultamento”, Fagioli na Primeira Parte por um lado nos lembra com todas as letras a cumplicidade dos *Chicago Boys* discípulos de Friedman e Hayek com o Golpe de 11 de setembro de 1973, mas por outro lado, e fazendo precisamente nisso frutificar a lição do Curso foucaultiano de 1979 (FOUCAULT, 2008), nos torna inteligível o novo processo constituinte – uma verdadeira <<revolução capitalista>>, na sua análise – enquanto evento nada predeterminado ou pré-determinável que resultou de uma articulação e até de choques entre frações militares, políticas e intelectuais. Evento, este, que permitiu o engendrar-se de uma maquinaria disciplinar e biopolítica cujo objetivo estratégico era precisamente a refundação do Estado chileno em função do regime de verdade constituído pelo mercado –o que nos aponta, mais uma vez, a fecundidade da reconstrução foucaultiana da peculiar racionalidade estratégica neoliberal (cf. e.g. FOUCAULT 2008, p.136-178): o “laboratório chileno”, longe de desmentir esta última, constitui na apresentação dessas páginas uma sua perfeita confirmação, na medida em que o projeto de engenharia institucional de Jaime Guzmán por exemplo configura-se enquanto uma exemplar “política da sociedade” norteada por uma determinada forma ideal pela produção da qual têm de ser aprontadas condições políticas, institucionais e econômicas e em relação à qual têm de ser medidos possíveis obstáculos (cf. Ibidem, p.163-164).

Certamente a tese de Fagioli é a do “levante anti-neoliberal”: no seu diagnóstico a multidão que revelou-se nas ruas no Outubro chileno do ano passado pôde constituir-se enquanto tal exatamente porque decidiu-se a *evadir* dos moldes que lhe foram oferecidos pela tecnologia micro-política neoliberal das últimas quatro décadas, assim como, sempre conforme esta mesma genealogia, o revirar-se de *homo oeconomicus* em multidão nesse levante que ainda não terminou foi finalmente o emergir, o *eclodir* de um paciente trabalho de toupeira tão longo quanto. Mas justamente por isso podemos mais uma vez

concordar com Foucault e pedir licença para discordar de Lazzarato: tal metamorfose, longe de ter derivado de uma simples reviravolta nas relações de forças entre um capital e uns vencidos de outrora que se enfrentariam como extrinsecamente justapostos, teve sua condição de possibilidade, concreta e contingente, nas entranhas do moinho da maquinaria biopolítica do capitalismo neoliberal.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: N-1 Edições, 2019.